

No Líbano, como antes

» RENATA ABALÉM

Advogada, diretora da Câmara de Comércio Brasil-Líbano

A palavra “aniversário” é de origem latina e significa aquilo que volta todos os anos. Comemorados por poucos e ricos, os aniversários e seus festejos ganharam o status de popular somente na Idade Média, quando o hábito de juntar pessoas ao redor do aniversariante afastava os espíritos maus. Assim é que, repetidas vezes, nos dias aprazados, rememoramos a vida ou a morte — sim, ela também — de quem nos importa. Pessoas fazem aniversários e situações também. No próximo 4 de agosto, uma comunidade mundial relembra uma data por demais devoradora. Falo da comunidade libanesa espalhada pelo mundo inteiro, seus filhos e netos e sua diáspora, falo sobre a boca de nitrato de amônio que engoliu o Porto de Beirute, ceifando mais de 200 vidas, deixando milhares de feridos físicos e mais outros milhares de feridos na alma.

O aniversário de dois anos da explosão de Beirute está às portas e ainda não se sabe quem são os responsáveis pela tragédia. Beirute, a “Paris do Oriente Médio”, a “Mãe das Leis”, aquela que resistiu a vários terremotos e cujo perímetro abriga civilizações há séculos, vê o segundo ano da sua tragédia chegar e ainda sangra. Enquanto o Líbano, país e nação, povo e esperança, conjuga o verbo colapsar em todos os sentidos, a explosão revolveu e mostrou para o mundo a dor de uma sociedade que no seu auge era um paraíso fiscal e cujos bancos pagavam os maiores juros do mundo. Hoje, não há energia elétrica para o próximo inverno. É o país das faltas. Falta tudo e já começam a faltar

libaneses jovens cuja escolaridade permite que trabalhem em outros países.

Enquanto as lembranças são avivadas pelo aniversário da tempestade vermelha — a cidade, quase que totalmente destruída, foi coberta por uma fumaça avermelhada —, o Líbano vive a pior das crises: a da moralidade. O amônio escancarou a corrupção dos cedros para o mundo e não há multidão nas praças que possa arrancar raízes tão profundas. Recentemente as eleições parlamentares — a República do Líbano é a única democracia daquela região do Médio Oriente —, mostraram que o libanês quer mudanças, mas não grandes mudanças. Pouca coisa mudou, lembrando que o parlamento é dividido por religiões — sim, o Líbano é um país cujos poderes Legislativo e Executivo são baseados no confessionalismo, seu parlamento tem 128 lugares divididos igualmente entre muçulmanos e cristãos e estes escolherão, agora no segundo semestre, seu presidente para um mandato de seis anos, que, pelas regras, só poderá ser um cristão maronita. Escolhido o presidente, ele nomeia o primeiro-ministro que, invariavelmente, será um muçulmano sunita, e o chefe do parlamento, um muçulmano xiita.

Enquanto o Líbano tem vivido apagões elétricos, o dinheiro do povo deixa de existir, garfado por uma inflação inédita. Para ter uma ideia, no começo deste ano, o salário mínimo mensal equivalia a US\$ 22,5, um dos mais baixos do mundo ou o equivalente a 40 litros de combustível.

Mas ainda assim é um país cobiçado: 10.452 km² de área, ou seja, metade de

Sergipe. A ajuda internacional acontece, mas em uma mesa de trocas. E uma mesa interessante, já que o país dos meus avós não tem transporte público, não tem energia, não tem indústria, mas tem gás natural nas suas belas águas litorâneas. Gás esse pivô de grande incômodo com o vizinho Israel, que teima explorar tal recurso em área marítima ainda sob discussão de propriedade.

Peneirando tudo isso, nem pobreza nem riqueza interessam à diáspora libanesa no Brasil, a maior comunidade libanesa do mundo. Aqui somos o dobro dos libaneses do Líbano. O que nos interessa neste momento é o que pode interessar a milhares de brasileiros cujas origens são de países afetados por guerras ou outras catástrofes: exercer ajuda humanitária condizente com a realidade econômica tanto do doador quanto do receptor. Para se ter ideia, o ato da doação, e somente ele, carrega para si uma tributação na ordem de 35%, no mínimo. Doar sai caro. Doar é impraticável.

Carecemos de uma legislação que nos propicie cuidar dos nossos libaneses, mandar remédios para nossos doentes, colocar comida nas mesas das aldeias, reconstruir nossa capital, recuperar a nossa dignidade. É isto que nos interessa: que o legislador brasileiro abra caminho para que o nosso dinheiro possa fazer o caminho de volta. Nossa força de trabalho veio ajudar o Brasil na sua construção e, agora, quer voltar, para reconstruir a nossa casa.



Diversidade nas empresas: o papel do agente de transformação

» DEBORA MOURA

Head de Diversidade e Inclusão do Grupo Dreamers

Que legado queremos deixar depois de toda essa conversa sobre diversidade nas empresas? Já sabemos que não basta contratar, é preciso incluir e proporcionar um ambiente seguro para pessoas de grupos que não têm voz na nossa sociedade e, além disso, promover ações afirmativas que possam gerar a mudança da cultura organizacional. Ponto.

Para além desse esforço, empresas de comunicação, especialmente agências de propaganda, têm aqui a oportunidade de dar visibilidade a esses mesmos grupos sub-representados, a partir da ferramenta que têm na mão: anúncios, filmes, posts, mensagens de comunicação. Protagonistas pretos nas peças podem fazer com que a sociedade rompa automatismos quando encontra um preto na rua, sem pensar que ele é alguma ameaça.

Protagonistas com mais de 60 anos nas peças podem fazer com que a sociedade enxergue que a realidade dos 60+ hoje é de plena atividade e, muitas vezes, alto poder aquisitivo. Só que, para isso acontecer, as lideranças das empresas precisam estar comprometidas com a transformação e, ainda por cima, enfrentar o monstro de levar a diversidade para o cliente, pras marcas e produtos.

Aí é que entra o líder agente da transformação. Não tem pra ninguém, é ele que vai fazer o papel de propagador da diversidade e defensor da ideia, da campanha e do conceito alinhados com a inclusão. É ele que precisa ter letramento para defender o protagonista preto, se for necessário, com muito mais empenho do que defende a cor azul no layout dele. Saber onde buscar e contratar pessoas

diversas pra povoar as equipes da empresa onde ele trabalha, romper com vieses inconscientes na hora da seleção e promover processos de aceleração de carreira dos perfis diversos que já estão nas equipes.

Ter ouvido atento e escuta ativa, ter conteúdo para construir argumentos que embasem a diversidade nas peças e não simplesmente usar a diversidade porque é a conversa da hora. Quem apresenta uma campanha tem que saber os conceitos da inclusão, o que é racismo estrutural, o processo de criação pra que aquela mensagem converse também com uma pessoa com deficiência ou com mais de 50 anos. E, para isso, o líder tem de sair da sua bolha.

Sair da bolha é olhar pro lado, perguntar, acolher, reconhecer que não sabe e dar espaço para quem sabe e vivencia outras narrativas. Perguntei numa reunião de líderes: alguém aqui já foi a um baile charme? Tá cheio de publicitário preto nos bailes, nas quebradas, nos lugares com os quais a gente que é preto se identifica e encontra outros pretos como a gente. Se você não vai lá e não pergunta, fica difícil adentrar outras bolhas.

Quantas conversas sobre diversidade você já teve com sua equipe? Sabe se quem é de grupo sub-representado está confortável, entendendo seu espaço e se sentindo num ambiente acolhedor e sem comportamentos preconceituosos? A receita é exercitar o olhar atento e a escuta ativa todos os dias. Pra ouvir, entender e abrir espaço pra outras vozes.

Agora, imagine se a maioria dos líderes da sua empresa é composta de pessoas diversas? Encurta uns dois parágrafos anteriores

da jornada de transformação e ainda faz bonito no resultado de negócio. Lideranças pretas, mais velhas, trans, com deficiência podem ter mais potencial pra conversar (ou pra abrir novas conversas) com outras pessoas diversas, compreender o universo da discriminação e ouvir como ocorre pra equipe, falar de assuntos delicados sem entrar em embate porque já não precisa mais e dá pra explicar o porquê das coisas. Dá pra abrir diálogos novos com o cliente sem ser militante ou combativo, porque a diversidade vai estar ali, presente, viva na reunião ou na apresentação da ideia.

Depois de toda essa conversa da diversidade, o que verdadeiramente todos precisam querer é uma sociedade mais justa e igualitária, com oportunidades iguais e menos preconceito. E sempre tendo em mente que um preto puxa outro, uma mulher puxa outra, uma pessoa com deficiência puxa outra e por aí vai. A corrente da diversidade tende a aumentar exponencialmente se você tem uma equipe diversa e propagadora da imagem de uma empresa que respeita a diversidade e proporciona a inclusão.

Nessa jornada, são muitos os aliados que a gente vem colhendo pra luta. Invista numa liderança diversa e o resultado positivo certamente virá. Mas, se a sua empresa não tem líderes pretos, com deficiência, com mais de 50 anos, da comunidade LGBTQ+ e de outras verticais da nossa sociedade, tá na hora de olhar pro lado, fazer um censo, colocar a diversidade na pauta. E seus líderes atuais precisam urgentemente, no mínimo, virar agentes da transformação.

O fim do sono: a última fronteira do capital

» JELSON OLIVEIRA

Filósofo, professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR)

Em minha última viagem à Argentina, fiquei sabendo de uma devoção curiosa do papa Francisco: deitado sobre o altar de sua primeira paróquia, no distrito de São Miguel, descansava tranquilamente uma pequena escultura de São José Dormindo. A imagem é simples e quase despidorada. Poucas vezes se viu um santo assim, em situação tão corriqueira e despreziosa, sem a pompa dos grandes gestos e suas entranhas de salvação.

O pai adotivo de Jesus, ali deitado, sintetiza a passagem bíblica do primeiro capítulo do *Evangelho de Mateus* (21-24), na qual se lê que o mensageiro de Deus se manifestou a José em sonho, dando a notícia de que sua esposa estava grávida do Salvador. Uma vez acordado, José cumpriu o que lhe ordenara o anjo, recebendo Maria como esposa. A história não é apenas curiosa, mas traduz a função sagrada do sono: segundo a tradição religiosa que remete também a outros personagens bíblicos, dormir é acessar o mistério e, por meio do sonho, compreender melhor o que se deve fazer acordado. Poder-se-ia dizer que, embora por outras vias, é essa também a função atribuída à atividade onírica por Freud e, antes dele, por Schopenhauer e mesmo Nietzsche: acessar aspectos desconhecidos da nossa vida.

Na mesma viagem em que conheci a devoção do papa, estava, por mero acaso, lendo o livro do professor norte-americano Jonathan Crary, cujo título é *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono* (2013). O autor faz um diagnóstico contundente sobre os esforços do atual regime socioeconômico para dominar o último reduto não controlado de nossas vidas, sobre o qual até agora tem sido impossível impor as regras da exploração que se estendeu, ademais, a todos os outros setores da nossa vida pública e privada.

Para Crary, isso está com os dias contados, levando-se em conta os esforços da tecnologia, da farmacologia, da genética e até mesmo das ciências cognitivas para dominar e aproveitar o tempo considerado perdido que nós passamos dormindo. Tal estratégia passa pelos estudos para criar um soldado que não durma para as guerras que virão, o desenvolvimento de substâncias neuroquímicas, terapias genéticas e estimulação magnética transcranial, com o fim de eliminar a necessidade orgânica do sono.

O soldado sem sono é o primeiro passo, obviamente, para a construção de um trabalhador sem sono e, sobretudo, de um consumidor sem sono, capaz de comprar de forma compulsiva, aproveitando a disponibilidade 24/7 (24 horas por dia, sete dias por semana) das estruturas tecnológicas do comércio on-line. A coisa vai tão longe que a luta contra o sono chegou a incluir o projeto de um consórcio russo-europeu de criação de grandes espelhos capazes de iluminar zonas escuras do planeta por meio do redirecionamento da luz solar sobre cidades inteiras, cujos habitantes poderiam, afinal, usufruir do prazer de nunca mais dormir, ou melhor, de nunca mais terem seu sono submetido à lógica cósmica que tem regulado os ritmos fisiológicos e geoquímicos do planeta. Para alívio de todos, ao que parece, essa insanidade não saiu do papel. Em outra ponta, se até agora as pesquisas farmacológicas se empenharam em criar drogas para o sono, agora elas se dirigem, ao inverso, à invenção de drogas que nos cure dele.

Ficar sem dormir, todos sabemos, pode ser uma tortura sufocante e muitas práticas militares incluem essa sevícia como programa de tratamento de prisioneiros. Sem dormir, vivemos em um estado constante de desamparo e, conseqüentemente, de submissão, agravado pela exaustão e pela privação sensorial que ela produz. Byung-Chul Han problematizou essa questão ao se referir à nossa como uma sociedade do desempenho e, conseqüentemente, do cansaço. Ora, para mais desempenho precisamos controlar o que tem se considerado como um estado ordinário da consciência, capaz de realizar a higiene da mente e restaurar as forças vitais.

Como atividade relaxante, nosso sono foi, até agora, controlado pela natureza e é precisamente nesse ponto que as tecnologias contemporâneas pretendem intervir, na perspectiva da obtenção de controle sobre o que é natural, considerado, no geral como lento, ineficaz e obsoleto. Como em outros casos, também aqui, a ideia é comparar o corpo humano à lógica da máquina, que trabalha incessantemente — leia-se, sem dormir. O desempenho da máquina, como paradigma produtivo, levaria o capitalismo até a sua última fronteira, portanto: tornar útil o nosso tempo dormido; acordar, afinal, São José e mandá-lo logo às suas oficinas de carpintaria e afazeres de pai de família. Afinal, seu sucesso depende apenas dele mesmo.

O problema é que, acordado, José não sonha e jamais teria entendido a mensagem de Deus. Sem dormir, está privado da experiência relaxante que torna o mundo suportável e compreensível. Em estado de disponibilidade absoluta, ele perde o que lhe é mais próprio e passa a viver o tempo da necessidade ininterrupta, nunca satisfeita e, portanto, sempre fracassada. A frustração é a filha mais velha do cansaço que leva à indiferença e facilita processos de dominação. Se dormindo nos livramos do “atoleiro de carências simuladas” a que o capitalismo nos empurra, acordados estamos disponíveis para a lógica das práticas panópticas que organizam nossa vida na transparência e na visibilidade total.

Tendo encontrado uma cura para o sono, o capitalismo terá dominado a vida humana por completo, na medida em que controla integralmente o seu tempo — até o extremo de nos ter curado dele. Resta saber: para quê? Queremos viver mais pra aproveitar mais a vida, no sentido de recheá-la com maior quantidade de experiências fugazes e sem qualidade. Valeria a pena ficar acordado para viver em frente aos nossos dispositivos tecnológicos, que são, na verdade, máquinas de esgotamento da vida e, pior, máquinas de influência, para retomar um conceito de Crary?

Se o sono, afinal, nos ajuda a esquecer o peso da vida e o mal radical que nos rodeia, talvez permanecendo acordados alcançaremos o estágio do niilismo final, no qual a vida não terá sentido algum, posto que seu sentimento máximo será a frustração e o vazio do horizonte sobre o qual ela cambaleia, sonâmbula. O papa, afinal, tem razão: São José Dormindo, ajude-nos a dormir mais e mais tranquilos sobre o altar da existência e faz-nos sonhar com divindades. Amém, boa noite!